



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 3.0 Internacional (CC BY 3.0). Fonte:
<http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/134/pdf>. Acesso em: 23 nov. 2017.

REFERÊNCIA

CORRÊA, Caroline Pimentel et al. De Pareto a Borges: realidade e ficção na construção do conhecimento em sociologia. **Revista Áskesis**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 234-238, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/134/pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

De Pareto a Borges: realidade e ficção na construção do conhecimento em sociologia

Carolina Pimentel Corrêa¹; Fabrício Monteiro Neves²; Fabricio Teló³; Giovanna Nicoloso da Rocha⁴; Jéssica Maria Rosa Lucion⁵; Julio Souto⁶; Reginaldo Teixeira Perez⁷

Resumo:

Este ensaio – que possui a forma de um dossiê – tem como objeto o que se convencionou chamar de “dilemas do(s) método(s) na Sociologia”, reconhecendo-se o seu caráter construtivo. Partindo-se dos parâmetros cognitivos “ortodoxia versus ficção”, chega-se a pontos intermediários, com a afirmação de um estatuto científico para a Sociologia sem que se elimine os seus fatores artificiais. As provocações se inauguram com o exame das formulações sociológicas de Vilfredo Pareto, sublinhando-se a sua ousadia metodológica marcada pela (pretensão de) objetividade, e alcançam o outro extremo com o emprego da criação literária, tendo-se como exemplares Kafka e Borges. A busca por pontos intermediários visita as teorias de Weber, Bourdieu, Bobbio e Habermas, entre outros – e o que sobrevém desse movimento é que os exercícios de racionalidade que almejam conhecimento na Sociologia são tanto vicários do instável equilíbrio entre objetivos e procedimentos quanto da anuência dos que definem o caráter da ciência naquele momento específico.

Palavras-chave: Sociologia. Métodos. Vilfredo Pareto.

Abstract:

The present essay - which has the structure of a dossier - has as its object the so-called “method (s) dilemmas (s) in Sociology”, recognizing their constructive character. Opening from

1 Bacharel em Ciências Sociais pela UFSM. Mestre em Ciência Política pela UFRGS. Doutoranda em Sociologia na U.Porto/Portugal (carolpimentelcorrea@gmail.com)

2 Professor do Departamento de Sociologia da UnB. Doutor em Sociologia pela UFRGS.

3 Bacharel em Ciências Sociais pela UFSM. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ) (fabriciotelo@hotmail.com).

4 Bacharel em Ciências Sociais da UFSM/RS.

5 Bacharel em Ciências Sociais pela UFSM/RS (jessicalucion@hotmail.com).

6 Graduado em Sociologia e Ciência Política pela Universidade de Valência – Espanha. Mestrando em Sociologia pela UFRGS (juliosouto2103@gmail.com).

7 Professor do DCS e do PPGCS da UFSM/RS. Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ/UCAM (rtpp10@hotmail.com)

the cognitive parameters “orthodoxy versus fiction,” we come to intermediate points, with the affirmation of a scientific status for sociology without being suppressed their artificial factors. The induction was inaugurated with the exam of sociological formulations of Vilfredo Pareto, highlighting its methodological boldness marked by (intend to) objectivity, and reaching the other extreme using the literary creation, taking as examples Kafka and Borges. The search for intermediate waypoints visits the theories of Weber, Bourdieu, Habermas and Bobbio, surrounded by others - and what comes after this movement is that the exercises of rationality which seek for knowledge in Sociology are substitutes of the unstable balance between the objectives and procedures and also the consent of those who define the nature of science in that specific moment.

Keywords: Sociology. Methods. Vilfredo Pareto.

Introdução⁸

As Ciências Sociais (CS) encontram-se razoavelmente consolidadas em seu estatuto científico neste início de século XXI⁹. Mas foi longo e flexuoso o caminho inaugurado pelos franceses lá na primeira metade do século XIX, em que se almejava uma “Ciência” (com “C” maiúsculo) do mundo social, com prestígio equivalente ao das Ciências Naturais da época. De lá até cá, não obstante os inúmeros percalços, as CS – a saber: Antropologia, Sociologia e Ciência Política – ampliaram o escopo de seus objetos tanto quanto refinaram os seus procedimentos de intervenção cognitiva. Tratar-se-á, aqui, neste ensaio/dossiê, em especial, da Sociologia, mas, *grosso modo*, o argumento a ser desfilado parece ser válido, igualmente, às outras duas CS. Em suma, pretende-se tergiversar sobre o caráter *definitivamente construtivo* no que respeita ao(s) método(s) – sim: assume-se a indefinição quanto à possibilidade de afirmação de sua singularidade¹⁰.

Espelhando-se na canônica da ciência moderna, as CS em geral, e a Sociologia em particular, reivindicam – e parecem alcançar – estágio científico ao incorporar à sua experiência metodológica o instituto da indução¹¹. A outra figura que compunha o estoque de instrumentos cognitivos disponíveis à época – a dedução¹² – já se encontrava suficientemente consolidada em áreas afins, destacadamente, na Filosofia. Às teorizações, impunha-se, agora, o racional enfrentamento dos fatos. Conciliar fatos e teorias – defluindo-se dessa operação uma linguagem suficientemente técnica – foi um dos desafios da escola sociológica francesa (século XIX), notadamente da parte de seu mais conhecido corifeu, David Émile Durkheim (1858-1917)¹³.

8 Item redigido por Reginaldo Teixeira Perez.

9 Reconheça-se que há alguma pretensão – mitigada pelo “razoavelmente” – na afirmação. Nos anos 1990, sociólogo francês afirmava categoricamente: “Em matéria de cientificidade, as Ciências Sociais são pouco mais do que nada” (PASSERON, 1995, p. 63).

10 Observe-se, para fins de qualificação, que, em regra, a Antropologia respondeu fielmente ao seu método prevalente – o etnográfico.

11 Relembre-se da figura de Francis Bacon, na aurora do mundo moderno.

12 Cabe referir, aqui, outro fundador da ciência moderna, René Descartes.

13 Para uma apresentação do pensamento de Durkheim, ver, por todos, Rodrigues (1984) e Aron (1987).

Às positivities científicas propugnadas por Durkheim, em particular, e pela escola sociológica francesa, em geral, apresenta-se, contemporaneamente, a despeito de todo o patrimônio informativo acumulado, um contrapondo de robusto significado: “Descobri, ou assim acredito, a razão da ignorância, sua natureza e sua função epistemológica em assuntos humanos”, dirá erudito cientista social brasileiro contemporâneo (SANTOS, 1990, p. 8). Provocativamente, o pensador brasileiro destrói “toda e qualquer pretensão de que seja possível conhecer o mundo social assim como se decora que dois e dois, *ceteris paribus*, são quatro” (idem, p. 8).

Confirme-se o oxímoro: com efeito, ignoramos o preciso caráter da vida social porque já a examinamos à farta. Multívoco, necessariamente, o teor do(s) objeto(s) sociológico(s); e, em decorrência, plurais os seus métodos (MARTINS, 2004). Esse é o mote do debate metodológico que se seguirá. De um lado, a expectativa – radicalmente positivada – de a realidade ser apreendida por uma razão sincrônica à experiência; de outro, a autonomia da linguagem conformando objetos – *in primis*, o social – sendo considerada suficiente à apreensão das coisas do mundo.

Inicialmente elaborado por graduandos em disciplinas do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFSM, este “ensaio e/ou dossiê metodológico” foi motivado em face das aulas que trataram do pensamento do sociólogo e economista franco-italiano Vilfredo Pareto (1848-1923)¹⁴. Mais exatamente, edificaram-se os argumentos *em reação* às formulações daquele rigoroso cientista social europeu. Esse foi o caso da primeira resenha crítica estampada adiante: nela, o acadêmico espanhol/valenciano Julio Souto contrapõe a “cientificidade” da retórica paretiana com o emprego de imagens literárias; as resenhas que se seguem são objeções, ainda que marcadas pela moderação, aos “radicalismos” propostos por Pareto, de uma parte, e por Souto, de outra. No item final, estampando qualificações de notada importância, o professor Fabrício Monteiro Neves adiciona temperos contemporâneos ao debate.

Pareto, um personagem de Kafka¹⁵

A construção de Pareto: um refúgio kafkiano

Se há um defeito, a meu ver é outro, [não a obscuridade]: Pareto é um escritor sem medida.[...] No sentido positivo da expressão, Pareto é um escritor sem medida pelo seu engenho, cuja fertilidade e originalidade excedem o comum; pela imensa erudição (que inclui até recortes de jornais, mas não só recortes), a extraordinária capacidade de análise. Esta leva a que não haja conceito que o autor não divida em novos conceitos, e cada um destes em outros ainda, numa proliferação de distinções, subdistinções, distinções das subdistinções, que torna o retorno ao pon-

¹⁴ Vejam-se algumas das regras metodológicas paretianas: “[...] O domínio em que trabalhamos é, portanto, exclusivamente o da *experiência* e da *observação*. Empregamos esses termos no sentido que tem nas ciências naturais, como a Astronomia, a Química, a Fisiologia etc. [...] Consideramos esta auto-observação somente como fato externo. Estudamo-la, portanto, como fato social e não como fato nosso; [...] Partimos dos fatos para formar as teorias e procuramos sempre afastar-nos o menos possível deles [...] Raciocinamos exclusivamente a respeito das coisas e não a respeito dos sentimentos que despertam em nós. Estudamos esses sentimentos apenas como fatos exteriores. [...] Repelimos os raciocínios que se utilizam de termos não precisos, porque as premissas imprecisas só podem tirar conclusões imprecisas. Estudaremos esses raciocínios, entretanto, como fatos sociais [...]; Empregaremos, desse modo, unicamente as palavras que corresponderem às coisas e empenharemos todo o nosso cuidado, todo o nosso zelo, para lhes dar uma significação tão precisa quanto possível.” (PARETO, 1923 apud RODRIGUES, 1984, p. 40-42).

¹⁵ Item redigido por Julio Souto.

to de partida fatigante e ingrato – quando, abandonados à interessante digressão, não avançamos de tal forma que nos esquecemos de voltar atrás. Mas *Pareto é desmesurado também no sentido negativo* – porque não tem sentido de medida. (BOBBIO, s/d, p. 127-128, grifos nossos).

A partir desta breve descrição das mil e setecentas páginas que compõem os dois tomos do *Tratado de Sociologia Geral* de Vilfredo Pareto, a imagem que podemos formar do escritório do autor é realmente assustadora. Numa época em que não existiam as tecnologias de compressão de dados com as quais estamos habituados (Pareto não tinha arquivos digitais, nem *pen drives*, nem escrevia em *Word*, nem tinha acesso à internet), poderíamos supor que nas estantes de Pareto se amontoava a infinidade de livros que são citados no seu tratado, que os milhares de rascunhos e esquemas mentais arborescentes se amontoavam em cadernos e folhas soltas enchendo centos de gavetas e que os jornais do dia, dos quais extraía fragmentos, se espalhavam pelo chão do seu quarto, quando não recortados e acumulados em outras caixas a tal efeito. A imagem mais adequada que podemos utilizar para representar tal espaço é, sem dúvida, *A construção*¹⁶, a guarida esquizo-paranoide que o narrador kafkiano descreve nesse conto inacabado.

Começo pelo segundo corredor e interrompo a inspeção na metade e passo ao terceiro corredor e me deixo levar de volta por ele à praça do castelo e, no entanto, tenho de retomar de novo o segundo corredor e assim brinco com o trabalho, aumento-o, rio sozinho, alegre-me e fico completamente zozinho com tanta atividade, mas não me desligo dela. Por sua causa, ó corredores e recintos, e sobretudo por suas perguntas, ó praça do castelo, eu vim, não dei nada pela minha vida, depois que, durante tanto tempo, tive a estupidez de tremer por causa dela e retardar o regresso a vocês. Que me importa o perigo, agora que estou com vocês! Vocês me pertencem, eu lhes pertencço, estamos ligados, o que pode acontecer? Que a tropa se apinhe lá em cima e estejam preparados os focinhos que irão romper o musgo! (KAFKA, 1984, p. 85).

Nele, a voz anônima descreve, com claustrofóbico detalhe, as galerias e os túneis que conformam sua guarida, como uma infinita construção subterrânea na qual pretende se defender de alguns inimigos que nem sequer conhece. O refúgio comunica-se com o exterior por meio de entradas estreitas, que o narrador diz frequentar pouco por medo de ser descoberto. Ao mesmo tempo, essas portas são a causa de angústias, já que a sua vigilância não pode ser confiada a terceiros sem arriscar a segurança do conjunto. A diferença principal dessa construção em relação a outras imagens literárias do labirinto, como os fractais borgianos nos contos *A Biblioteca de Babel* ou *O jardim dos caminhos que se bifurcam*, é a monolítica presença da Praça Forte, o *centro* da construção kafkiana. Nela acumulam-se provisões, e as paredes são mais duras que as outras, convertendo-se, portanto, no espaço designado para “a última defesa”.

Se escolhermos essa poderosa imagem como objeto de análise, é porque achamos que ela pode ser considerada uma brilhante *representação* da racionalidade paretiana. Especifi-

16 *Der Bau*. Relato escrito em Berlim entre os anos 1923-24, publicado postumamente por Max Brod em 1931. Em português, foi traduzido em diversas edições, tais como *a construção*, *a obra*, *a madriguera*, ou *a guarida*.

camos: não a racionalidade que descreve Pareto na sua obra, mas a racionalidade que moveu Pareto a construir o *Tratado*. Essa mesma racionalidade, própria de uma época e de uma civilização, converteu a obra paretiana no paradigma da economia moderna e, em boa medida, em matriz formante (ou formadora?) da nossa percepção antropológico-política fundamental. Aceitar como própria a descrição do homem (do indivíduo) que propõe a economia hegemônica contemporânea, é assumir para nós as motivações de Pareto e, portanto, é encarnar o narrador do relato kafkiano. Consideramos que essa racionalidade kafkiana aparece perfeitamente analisada na obra de Gilles Deleuze e Felix Guattari *Capitalismo e esquizofrenia*, mas para manter a analogia kafkiana nesta resenha de um artigo de Norberto Bobbio sobre a obra de Vilfredo Pareto, referenciaremos outro trabalho de Deleuze e Guattari, o discreto volume *Kafka, por uma literatura menor*, no qual se expõem os mesmos conceitos observados na obra do escritor tcheco.

Pareto e a desmesura obsessiva: o paroxismo das utopias modernas

No comentário inicial de Bobbio, destaca-se a desmesura de Pareto: “A exemplificação se torna digressão, tratados laterais onde o menos que nos pode acontecer é perder o fio do raciocínio: ficamos com a impressão de estar lendo uma série de livros diferentes” (BOBBIO, s/d, p. 128).

Poderíamos pensar que o fato de um livro virar “uma série de livros diferentes” não é em si mesmo um problema. Seguindo com as analogias literárias, podemos lembrar que essa pretensão da multiplicidade na unidade foi uma aspiração reconhecida de diversos movimentos literários da segunda metade do século XX, quando escritores como Samuel Beckett, Georges Perec ou Julio Cortázar abordaram, a partir de diferentes perspectivas, a desconstrução do romance clássico. Citando o último:

No serán pocos los lectores que advertirán aquí diversas transgresiones a la convención literaria. [...] A los posibles sorprendidos les señalo que, desde el terreno en que se cumple este relato, la transgresión cesa de ser tal; el prefijo se suma a los varios otros que giran en torno a la raíz *gressio*: agresión, regresión y progresión son también conaturales a las intenciones esbozadas un día en los párrafos finales del capítulo 62 de *Rayuela*, que explican el título de este libro y quizá se realizan en su curso. (CORTÁZAR, 1995, p. 5).

Essa agressão deliberada à habitual polaridade progressão/regressão é um elemento totalmente inexistente na racionalidade de Pareto, e o narrador kafkiano de *A construção* reflete tal tentativa (de segurança contra os inimigos e os fantasmas dos inimigos, de perfeição da obra, de progresso até a morte) estabelecendo um centro (sempre imperfeito, levemente assimétrico) no seu refúgio: a praça principal.

Pensada para o caso do perigo extremo, não de uma perseguição, mas de um cerco, a praça principal fica situada não exatamente no centro da construção. Ao passo que todo o resto talvez seja mais uma obra do juízo rigoroso que do corpo, esta praça do castelo é resultado do esforço mais sacrificado de todas as partes do meu físico. (KAFKA, 1984, p. 67).

O esforço necessário para construir e armazenar mantimentos na praça forte elimina a possibilidade de criar várias praças, o que sem dúvida é uma fraqueza assumida como um “mal

menor". A praça vira o elemento mais tranquilizador na ameaçada guarida. Porém isso não é suficiente, e ainda com a praça forte o construtor vive paranoico e dorme pouco, esperando eternamente o assédio dos inimigos.

A praça forte de Pareto é A Verdade, A Objetividade, a segurança de saber que a sua obra não é metafísica (nem filosofia, nem teologia, nem religião, nem mitos, nem fábulas). Numa frase que Bobbio considera chave de leitura do livro, Pareto diz: "Todo o presente trabalho é uma investigação da realidade que se esconde sob as derivações reconhecidas em documentos" (PARETO, 1916, xxvi, col. 1).

Em outras palavras, sua obra não está entre "as teorias que transcendem a experiência, e, portanto, não têm qualquer valor de verdade" (BOBBIO, s/d, p.129). O projeto é basear-se em "fatos" e a partir deles derivar "princípios", e nunca antepor os princípios aos fatos. É nesse ponto que Pareto se desvia radicalmente da fé na razão própria dos iluministas: Voltaire e Montesquieu, com seu ideal utópico de progresso (princípio *a priori*), deformam os fatos que observam, e são incapazes de "pensar em um desenvolvimento espontâneo de ações não lógicas". Como diz Bobbio, Pareto "não tem sentido de medida também na extravasão dos seus sentimentos contra as doutrinas dos adversários" (BOBBIO, s/d, p. 128). É constante a hostilidade paretiana contra a sociologia positivista, considerada por ele uma teoria metafísica: "saiba o leitor que a maior parte das teorias até hoje existentes sobre matérias sociais pertencem ao gênero de teorias de que participam entidades não experimentais, usurpando forma e aparência de teorias experimentais" (PARETO, 1916, p. 476).

Esse empirismo-racional, que poderíamos qualificar de paranoico, torna toda a sua construção teórica uma praça precária, que deve ser constantemente defendida contra o assédio das contradições e das irregularidades. Um dos elementos destacados por Bobbio são as reflexões linguísticas de Pareto, nas quais se formula a necessidade de uma representação realista e precisa dos objetos: "raciocinar exclusivamente sobre objetos, e não sobre os sentimentos que os nomes desses objetos nos inspiram". Essa pretensão de objetividade e hiperprecisão é criticada pelo deconstrucionismo de Derrida¹⁷ (não casualmente, tão reivindicado por Cortázar) com a noção de "aporia". Esses seriam os núcleos básicos de significação que criam uma tensão lógico-retórica que impedem que o sentido possa ser fixado. Frente ao texto de síntese e ordem, Derrida propõe a "disseminação", a linguagem que se expande na multiplicidade. Na referida análise de Deleuze e Guattari sobre a obra kafkiana, apresenta-se o seguinte esquema das formas expressivas:

Cabeça inclinada / retrato – foto = desejo bloqueado, submetido ao submissor, neutralizado, com conexão mínima, lembrança de infância, territorialidade ou reterritorialização.

Cabeça levantada / som musical = desejo que se ergue, ou se desenfia, e se abre a novas conexões, bloco de infância ou bloco animal, desterritorialização. (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 10).

Aqui se sintetiza o esquema gerador dos artefatos kafkianos, em que os personagens, mediante a articulação dos elementos sinalizados, geram as tensões que articulam as representações. Continuando com a proposta de ler Pareto como um personagem kafkiano, vemos a

¹⁷ A obra fundante, *A voz e o fenômeno* (1967), mostra como a pretensão de uma linguagem totalmente objetiva defendida pela fenomenologia de Husserl é impossível por definição. Comentando a análise husserliana "do problema do signo", Derrida propõe que, desde o momento em que um texto precisa de elementos paratextuais (notas de rodapé, introduções, prólogos...), está-se explicitando a condição de incompletude desse texto. A partir dessa ideia, defende-se que todo significante é inerentemente polissêmico e indeterminado, já que inclui as inevitáveis aporias.

obsessão empirista do autor como uma maneira de “olhar para o chão”, em um movimento em que os filósofos de seu tempo tendiam para o contrário, o que lhe gerou fortes enfrentamentos. Como Bobbio escreve: “*A visão filosófica se dirigia para o alto, não para o baixo; desdenhava o empírico, tinha pena dos que nele mergulhavam e preferia fitar o fundamento das coisas, o princípio unitário, a unidade*” (s/d, p. 129). Frente ao refúgio de *A construção*, a filosofia da época se pretendia *O Castelo*¹⁸, um monumento inacessível para um personagem que, como Pareto ou o agrimensor K., estão terrivelmente ligados às complicações da terra.

Para eles fica a errância triste, nem sequer a despreocupada e alegre deriva derridiana, ou o *flâneur* que descreveu (e foi até a morte) Walter Benjamin¹⁹, já que desde o primeiro momento Pareto e o agrimensor se esforçaram com uma missão de destino: a *verdade*, o *castelo*. *A disseminação* polissêmica do sentido é incompatível com uma noção monolítica da verdade, que deve ser defendida contra assédios metafísicos como a praça forte do refúgio racional. Pareto, como *O caçador Gracchus*²⁰, anseia chegar ao destino (ao final, à certeza), mas a sua barca “carece de leme, e viaja com o vento que sopra nas regiões inferiores da morte”.

Pareto segundo Pareto: nem útil, nem persuasivo, eppur, verdadeiro

Sem a fé no progresso que caracterizava os iluministas, o positivismo paretiano torna-se paranoico. Sem o compromisso político que caracteriza o discurso marxista, a crítica paretiana pretende-se desinteressada. Sem a retórica ou a vocação pragmática, a teoria paretiana define-se como um fim em si mesmo. Tal como sintetiza Bobbio:

Os casos mais frequentes analisados por Pareto [...] são provavelmente esses três:

- 1) as teorias falsas com grande força persuasiva e ao mesmo tempo nocivas [...].
- 2) teorias falsas com grande força persuasiva e socialmente úteis [...].
- 3) teorias verdadeiras que não são nem persuasivas nem úteis – de modo geral, todas as teorias lógico-experimentais no campo do comportamento humano, *entre as quais Pareto não hesita em colocar a sua própria*, de cuja verdade está convencido, embora tenha dúvidas sobre a respectiva eficácia e utilidade, *pelo menos no presente*. (BOBBIO, s/d, p. 144, grifos nossos).

Essa autodefinição de Pareto, ao estilo de um Galileu²¹ moderno, descreve aproximadamente

18 *O Castelo*, romance de Kafka escrito em 1922, e publicado *post-mortem* pelo seu amigo Max Brod, apresenta a história do agrimensor K., perdido na tentativa de chegar ao castelo do conde que lhe contratou.

19 Também Walter Benjamin escreveu sobre a obra de Kafka, o ensaio “Franz Kafka, no décimo aniversário da sua morte”(1934), recolhido – não por casualidade – no volume *A modernidade e os modernos* (1975, Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro). Ainda que a data do ensaio, anterior a toda a reflexão crítica sobre a obra do autor tcheco, gere nas reflexões de Benjamin os típicos problemas dos analistas pioneiros, nele se introduzem algumas das noções centrais que posteriormente retomaram Deleuze e Guattari. Aliás, muitas das reflexões sobre Baudelaire, com ênfase no esforço *físico*, poderiam servir também para Kafka: “A imagem do artista de Baudelaire aproxima-se da imagem do herói”.

20 Relato de Kafka, escrito em 1917, mas só publicado post-mortem por Max Brod, incluindo várias versões e fragmentos. Nele, se retoma a lenda alemã do caçador Gracchus, que, depois de morrer numa caçada, perde o caminho ao inferno, e a sua barca mortuária viaja de porto em porto sem chegar nunca ao destino.

21 Quando obrigado pela Igreja Católica a negar a teoria heliocêntrica, Galileu proclamou em baixa voz a famosa sentença: *Eppur si muove!* (contudo, ela se move). Dizendo que a Terra se move, Galileu expressava que apesar de contradizer o modelo “útil” da Igreja Católica – a terra como centro imóvel do universo –, a verdade científica, baseada na observação dos fatos, não podia ser negada.

a posição epistemológica que tende a declarar a ciência contemporânea e, especificamente, a “economia científica”. Textos fundantes da sociologia, contemporâneos a Pareto, apresentam claramente esse mito de uma “ciência livre de valores”²².

Porém, se em algum ponto tem avançado a sociologia da ciência desde os começos do século XX, é precisamente na noção de reflexividade, ou seja, leva-se em conta a posição do sujeito de conhecimento. De Mannheim (1976) em diante, a ilusão de uma *intelligentsia* “desgarrada” e livre gera certo mal-estar até na ciência mais acadêmica. Isso não tem sido contestado só por noções tão radicais como o “intelectual orgânico” gramsciano, mas também por propostas posteriores como a epistemologia de Pierre Bourdieu, as genealogias linguísticas e as tecnologias disciplinares em Foucault, a antropologia simétrica da ciência de Bruno Latour, ou a “crítica da crítica” de Luc Boltanski e Eve Chiappelo. Em todos os casos, a aspiração última é quebrar o mito de um cientista onisciente (ou potencialmente onisciente) com capacidade de se posicionar por cima do seu objeto de estudo. Talvez a indagação mais elaborada da nova posição epistemológica para uma ciência com capacidade de diálogo seja o trabalho coordenado por Boaventura de Sousa Santos. Centrando-se nas noções de *racionalidade cosmopolita* como resposta prática à mutilada *razão indolente*²³, propõem-se as práticas de *hermenêuticas diatópicas* como aproximações entre posições epistêmicas distantes (e seus respectivos coletivos humanos).

Com esse panorama em mente, indagamos sobre o auge paretiano na economia contemporânea. Poderia parecer que, subitamente e contra as previsões do próprio Pareto, as suas teorias tivessem se transformado, além de verdadeiras, persuasivas e (portanto?) úteis.

A potência retórica de Pareto: o mercado como Duce

É importante lembrar que a participação de Vilfredo Pareto no fascismo italiano, contra o que habitualmente se pensa, não se situou na ordem do apoio pessoal²⁴. Entretanto, cientes da importância que Mussolini atribuiu ao *Tratado*, é imprescindível que se faça uma breve reflexão que situe a obra do filósofo na ideologia do *Duce*. Além de Pareto, cita-se o poeta anarquista Gabriele d'Annunzio como importante influência de Mussolini. Na obra *Zona Autônoma Temporária*, de Hakim Bey (1990), este aparece descrito assim: Gabriele D'Annunzio, poeta decadente, artista, músico, esteta, mulherego, doidivanas, aeronauta pioneiro, bruxo negro, gênio e mal-educado, emergiu da Primeira Guerra Mundial como herói e com um pequeno exército à sua disposição e comando: os ardití. Ávido por aventura, ele decidiu capturar a cidade de Fiume, na Iugoslávia, e entregá-la para a Itália. Depois de uma cerimônia necromântica com sua amante num cemitério de Veneza, ele partiu para a conquista de Fiume, e foi bem-sucedido sem nenhum problema digno de ser mencionado. Porém a Itália recusou sua oferta generosa. O primeiro-ministro chamou-o de idiota.

22 O mais claro e paradigmático poderiam ser as palestras *Ciência e Política: duas vocações*, de Max Weber.

23 Definida como uma racionalidade ao tempo *arrogante* (se pretende capaz de conhecer todo), *impotente* (definindo posições nas que a ação é impossível), *metonímica* (define o universo em base a um espaço-tempo concreto) e *proléptica* (define passado-presente-futuro em base a um espaço-tempo concreto), essa definição de racionalidade é perfeitamente aplicável à lógica paretiana.

24 Se bem aceitou o cargo de senador vitalício pelo regime, não é nosso trabalho julgar decisões pessoais em contextos históricos tão concretos. Limitaremos-nos, portanto, à crítica das ideologias.

Ofendido, D'Annunzio decidiu declarar independência e ver por quanto tempo conseguiria mantê-la. Ele e um de seus amigos anarquistas escreveram a Constituição, que *instituiu a música como o princípio central do Estado*. A Marinha (composta por desertores e sindicalistas anarquistas dos estaleiros de Milão) se autoneomeou Uscochi, em homenagem aos antigos piratas que em tempos passados viviam nas ilhas da região e saqueavam os navios venezianos e otomanos. Os modernos uscochi foram bem-sucedidos em alguns de seus golpes malucos: vários polpudos navios mercantes italianos de repente deram à República um futuro: dinheiro em seus cofres! Artistas, boêmios, aventureiros, anarquistas (D'Annunzio se correspondia com Malatesta), fugitivos e refugiados sem pátria, homossexuais, dândis militares (o uniforme era preto com a caveira e os ossos cruzados dos piratas - depois roubado pela SS) e excêntricos reformadores de toda espécie (incluindo budistas, teosofistas e seguidores do vedanta) começaram a aparecer em Fiume aos bandos. A festa não acabava nunca. (BEY, 1990²⁵, grifos nossos).

Se Pareto era a racionalidade desmesurada, D'Annunzio era a desmesura mesma. E, surpreendentemente, Mussolini terminou se servindo tanto de um como de outro. A República Anarquista de Fiume, onde a música era elemento central do Estado, termina assim:

Dezoito meses mais tarde, quando o vinho e o dinheiro haviam terminado e a frota italiana finalmente apareceu e arremessou alguns projéteis contra o Palácio Municipal, ninguém tinha energia para resistir. D'Annunzio, como muitos anarquistas italianos, voltou-se mais tarde para o fascismo – na verdade, o próprio Mussolini (o ex-socialista) seduziu o poeta para este caminho. Quando o poeta percebeu o seu erro já era tarde: já estava muito doente e muito velho. Mas o Duce mandou matá-lo de qualquer modo – foi empurrado de um balcão - e o transformou num “mártir” (BEY, *op. cit.*).

Num esquema simbólico, não é tão absurda a representação em que Mussolini aparece como um *gestor racional da irracionalidade*. Assim, a análise de Pareto mostra como a irracionalidade pode ser persuasiva e utilizável. A história de D'Annunzio parece uma demonstração realizada desse delírio coletivo, uma aula exemplar do poder de sedução da violência e a desmesura. Mussolini limita-se a pôr em prática a união, motivado pela racionalidade paretiana: se é possível conhecer racionalmente a irracionalidade, é também possível se servir dela, instrumentalizar o delírio, cartografar o desejo e administrá-lo como líder indiscutível. Seguindo com a análise de Deleuze e Guattari, vemos que o devir-animal de Gregor Samsa²⁶ (a fugida “musical”, o grito em direção ao inseto) é “reterritorializada” com “a cabeça baixa” e a paixão pelo “retrato”; exatamente da mesma forma com que os excessos amorfos de Fiume são facilmente “reterritorializados” pela retórica fascista, o culto à imagem do líder, a exaltação dirigida.

25 Tradução ao português de Patricia Decia e Renato Resende. Disponível em <http://pt.protopia.at/index.php/M%C3%BAsica_como_Princ%C3%ADpio_Organizacional>.

26 Protagonista de *A metamorfose*, relato de Franz Kafka escrito em 1912 e publicado em 1915. Gregor Samsa, um viajante de comércio, acorda transformado em um inseto, gerando certas incomodidades no círculo familiar.

Numa transposição ao presente (não livre de riscos), podemos observar como a racionalidade paretiana se reedita nas elaborações dos economistas contemporâneos. Na comunicação *O mercado como limite da racionalidade*, o professor Perez (2002) analisa os artigos jornalísticos do economista Gustavo Franco. Este colunista se caracteriza por uma inquestionável reputação, baseada no seu reconhecimento acadêmico (professor de economia na PUC-RJ) e político (ex-presidente do Banco Central). Nos seus artigos da revista *Veja* (1999, 2004), Franco mostra uma ideologia político-antropológica devedora de Pareto, na qual “o mercado” (abstração impessoal) aparece como o espaço racional por natureza, desprovido de toda emotividade. Com a estratégia retórica do “empirismo-racional”, a sua ideologia política baseia a sua potência, precisamente, na negação da dimensão ideológica. As palavras de Franco apresentam-se, como as de Pareto, como ciência desinteressada; mostram fatos dos quais, infelizmente, é impossível escapar.

Assim, vemos, por exemplo, como os “empreendedores” são apresentados como heróis racionais e não ideológicos prontos para salvar a nação, frente às “derivações” dos políticos dirigistas:

A iniciativa não é do político, a partir de “planos de desenvolvimento”, mas da figura do empreendedor, milhares e milhares deles, pequenos, médios e grandes, agindo de forma descentralizada, *obedecendo a seus instintos e aos sinais do mercado*. Esses agentes do progresso carecem de uma ideologia que os defina como tal, uma espécie de “nacional-empendedorismo” que ocupe o espaço habitado, ou invadido, pela velha ideologia desenvolvimentista. (FRANCO, 2004, p. 157, grifos nossos).

Poderíamos ver nessa “obediência aos instintos” a mesma desmesura na satisfação dos prazeres que se dava na Fiume de D’Annunzio, e, “nos sinais do mercado”, a mesma gestão racional da irracionalidade que realizava na prática Mussolini, dirigindo a exaltação nacional italiana. Retomando a terminologia de Deleuze e Guattari para os personagens kafkianos, vemos a mesma “reterritorialização do desejo” que terminava apagando as potências liberadoras do “devenir-animal” de Gregor Samsa (na *Metamorfose*). Se o primeiro impulso é fugir das estruturas racionais de dominação (edípicas, fabris, burocráticas), a instrumentalização política (nacional, produtivista, fascista) da pulsão instintiva leva a uma nova dominação sublimada. Assim, a retórica delirante do progresso, utilizada tanto pelo neoliberalismo como pelo neo-desenvolvimentismo, parece nos impulsionar constantemente ao excesso – sempre que seja, obviamente, um excesso controlado, seja nas vias do mercado, seja nas vias do Estado.

Transgredir Pareto: o nomadismo epistêmico

Habituar-se a um mundo sem centros nem hierarquias é o principal desafio do mundo que emerge das ruínas da modernidade. E, nesse ponto, temos que concordar com Bobbio, quando diz: “há ainda um amplo trabalho a realizar no estudo sistemático das ideologias e na compreensão das funções que elas exercem na história. Para esse fim, o *Tratado* de Pareto oferece meios incomparáveis” (BOBBIO, s/d, p. 155).

Todavia consideramos que não podemos nos limitar a recuperar as obras de clássicos como Pareto só como uma metodologia de trabalho *pronta*, nem como uma posição epistêmica defensável e muito menos como um programa político. É, sim, fundamental recuperar Pareto como objeto de estudo, para tentar compreender onde nos deixaram as utopias modernas

e como chegamos até ali. Porém, uma vez feito isso, qualquer pretensão de transformação em direção a uma *boa vida* (seja isso o que for) precisa passar pela transgressão sistêmica de tudo o que Pareto escreveu, e hoje representa toda uma escola econômico-acadêmica.

Como metodologia, a distinção categórica entre *fatos* e *teorias* gera problemas práticos insuperáveis na hora de apreender o real, o fático. No momento em que uma sociedade é interconectada pelo intensivo fluxo de *representações* e *mediações* , a prática epistêmica do contraste deixa de ser habitual, e a suspeita, o incerto e a dúvida estabelecem-se como autêntico contexto cognitivo. Nesse sentido, citando Baudrillard, diríamos que, livres do real, poderíamos pensar em algo mais real do que o real: o hiper-real (BAUDRILLARD, 1991). Nesse mesmo sentido, referimo-nos a Jacques Rancière para propor uma análise e uma prática política em que o pensamento estético é imprescindível (a sedução coletiva, as cartografias do desejo).

A respeito de nossa posição epistêmica, o fato de permanecer fechado no refúgio acadêmico-paranoide, descartando toda fonte de conhecimento não hegemônica, seria igualmente absurdo. A recuperação da hermenêutica (diatópica) propõe-se como prática necessária e saudável, gerando interações e práticas intelectuais que o cientista político hipertecnificado está ameaçado de perder. Frente aos argumentos hegemônicos que tendem a apagar todo potencial político na literatura²⁷, uma epistemologia nômade não pode considerar como politicamente irrelevantes todos os livros que hoje enchem as estantes das livrarias marcados com o confuso cartaz de *ficção* (como um antônimo da categoria *não ficção*). Parece necessário lembrar: nem a *ficção* mais surrealista é totalmente alienada do mundo, nem a *não ficção* mais técnica está livre de retórica e ilusionismo.

Nesse sentido, a obra kafkiana, como uma representação inerentemente ligada ao espírito paretiano, serve à perfeição como aproximação a um objeto complexo. Se escolhermos a obra do tcheco, foi em parte pela proximidade, mas também pela consistência e coerência de uma obra convergente. Contudo a observação dos relatos borgianos antes mencionados sem dúvida teriam sido de utilidade para pensar no *Tratado* de Pareto e outras obras similares. Pensemos, por exemplo, no conto *O Imortal* , no qual um viajante perdido chega à delirante construção dos homens eternos: “Este palacio es fábrica de los dioses, pensé primeramente. Exploré los inhabitados recintos y corregí: Los dioses que lo edificaron han muerto. Noté sus peculiaridades y dije: Los dioses que lo edificaron estaban locos.”²⁸.

Finalmente, no plano dos programas políticos, o marco deste trabalho não é tão abrangente para entrar nesses patamares de conflito e confusão. Além disso, um esforço retórico – a única possibilidade séria no plano do debate político – seria estéril e gratuito neste intrascendente texto. Os textos científicos de Pareto e Bobbio caracterizam-se pela sua pretensão de transcendência, baseados em exposições rigorosas, objetivas, sem adornos líricos nem derivações. O mesmo pensava o laborioso construtor de *A construção* kafkiana: “não há nada mais quieto do que o reencontro com a construção” (KAFKA, 1984, p. 105). Como este breve escrito não tem a pretensão de ser científico (no sentido paretiano), vou-me permitir ao luxo de fechar com um poema de José María Fonollosa (2006), um mero enfeite que, igualmente a esta resenha, é intrascendente:

²⁷Veja-se o artigo de Franco (1999).

²⁸ BORGES, Jorge Luis. *El Imortal* . s/d. Disponível em:<<http://www.apocatasis.com/el-inmortal-jorge-luis-borges-carthapilus.php>>.

RAMBLA DE SANTA MÓNICA 4
La ciudad está llena de caminos.
Todos son buenos para escapar de ella.
No importa adónde vaya. En cualquier lado
hay sendas que conducen a otra parte.
El lugar nunca importa. Es otro sitio
- otro siempre - el objeto de mi viaje.

Pareto segundo Habermas²⁹

De um capítulo específico de *Ensaaios escolhidos*, aquele destinado a tratar de *Pareto e a crítica das ideologias*³⁰, retirou-se o problema que guia esta breve intervenção. Nele, Bobbio discorre sobre os critérios metodológicos utilizados por Pareto na distinção entre ciência e ideologia.

Este fragmento se divide em três momentos. Primeiramente, apontarei algumas considerações sobre o capítulo acima mencionado e também sobre *Pareto, um personagem de Kafka*³¹, artigo de Julio Souto. Em um segundo momento, ao levar em conta o prefácio de *Três ensaios sobre a democracia*³², pretendo apontar as semelhanças e as diferenças das obras de Bobbio e Pareto. Para finalizar, busco mostrar essas três perspectivas sob a ótica da abordagem epistemológica proposta por Habermas, da ação comunicativa. Utilizo-me desses três passos para afirmar: *Pareto = Romantismo*.

Ciência e esquizofrenia

A caracterização da ciência paretiana encontra-se presente já nos primeiros pontos do capítulo *Pareto e a crítica das ideologias*. Norberto Bobbio discorre sobre a ruptura metodológica da ciência a partir de mudanças no processo cognitivo, propostas por Pareto em *Tratado de Sociologia Geral*, de 1916.

Bobbio caracteriza as primeiras décadas do século XX como uma época de sínteses, enquanto Pareto propõe análises; é época de dirigir-se ao alto, enquanto Pareto propõe atenção ao baixo³³. Pareto propõe a observação, a distinção, a classificação de fatos (empíria), uma *inversão do processo cognitivo* filosófico tradicional da época, que se orientava na direção “palavras – coisas”.

O contexto explica parte da impopularidade de sua obra, além de inimizades fundamentadas no *status* ao qual a filosofia foi, então, por ele, relegada. Pareto condena essa filosofia “das palavras”, metafísica, ao mesmo patamar da teologia, religião, mitos e fábulas: das teorias

29 Item redigido por Giovanna Nicoloso da Rocha.

30 O capítulo *Pareto e a crítica das ideologias* é parte da obra *Ensaaios escolhidos: história do pensamento político* de Norberto Bobbio (s/d).

31 *Pareto, um personagem de Kafka*, é a resenha de Julio Souto que antecedeu este fragmento.

32 *Bobbio: razão, paz e democracia* é o prefácio de Celso Lafer da obra *Três ensaios sobre a democracia*, publicado pela Editora Siciliano, em 1991.

33 Refere-se ao metafísico e ao materialismo, respectivamente.

sem valor de verdade, persuasivas (oposto à compreensão), e, portanto, não científicas. Considera todas as teorias essencialistas/idealistas (portanto transcendentem à realidade) vazias de qualquer valor de verdade, reflexo de uma clara influência do materialismo marxista, que propõe a direção “coisas – palavras”.

O segundo ponto da teoria científica paretiana, de uma sociologia científica ou um *estudo objetivo das ações humanas*, também se fundamenta nas bases do materialismo, na direção “práxis – teoria”. Ao observar, mediante sua investigação, que os raciocínios frequentemente não correspondiam aos fatos, Pareto expôs uma das suas teses fundamentais: a distinção da ação humana (instintiva) de seus raciocínios explicativos. Em outras palavras, situou o conceito *teoria* como superestrutura de um sistema não racional. Aponta: “Os homens se utilizam muitas vezes da razão (exaltada pelos metafísicos como o órgão da verdade) para deformar e ocultar a verdade, e não para descobri-la e comunicá-la – embora o façam sempre quase de boa fé” (BOBBIO, 2006, p. 135). Segundo ele, “quem age sente prazer em apresentar seu comportamento como baseado em motivos racionais” (ibidem, p. 136).

Distingue, na ação humana, que a natureza das verdadeiras intenções (resíduos) reside em aspecto instintivo/emocional, diferente das *vestimentas* lógicas, tentativas racionais de justificar comportamentos. Sendo assim, em forma de condenação, afirma: “Quem... se põe a estudar os fenômenos sociais se detém nas manifestações da atividade, isto é, nos desvios, sem remontar às razões da própria atividade, ou seja, nos resíduos” (PARETO apud BOBBIO, 2006, p. 136).

Portanto, através do estudo dos resíduos, Pareto propõe “limpar o terreno das ideologias para poder enxergar, atrás delas, os homens de carne e osso” (ibidem, p. 135). A identificação e a eliminação das derivações (falsificações conscientes ou não) permitiriam executar uma sociologia científica, identificar e eliminar os motivos aparentes do comportamento humano e atingir os motivos reais da ação humana.

A crítica à teoria paretiana apresentada por Julio Souto diz respeito, exatamente, a essa pretensão de Pareto de opor-se às ideologias (o próprio Pareto prefere o termo *teoria*, ou *as outras teorias*...). Se Bobbio afirma que “Pareto nunca condena uma ideologia em nome da verdade científica: o que ele condena é a ideologia que quer fazer-se passar por ciência, a troca sub-reptícia de um julgamento de valor por um julgamento de fato” (2006, p. 147), Souto o vê exatamente junto às ideologias, mitos, fábulas, religiões.

Usando a figura de *A construção* de Kafka, Souto compara o labirinto da obra paretiana (com centenas de divisões, distinções, novos conceitos) à fortaleza, o monumento inacessível aos inimigos e fantasmas. Pareto, como personagem kafkiano de Souto, constrói, na obsessão empirista, a sua praça, seu refúgio racional, afastado de qualquer irregularidade ou contradição e hostil à sociologia positivista, aos mitos, às religiões. Souto denuncia que o discurso paretiano representa, ele também, “um programa ético-político camuflado de teoria científico-filosófica”, o que simplesmente é a própria definição de Bobbio de ideologia. Parece-me que, ao utilizar-se da mesma lógica metodológica de Pareto, Souto encontra, na proposta de sociologia científica paretiana, somente uma derivação, enquanto vê, em um indivíduo esquizofrênico, resíduos de comportamento humano.

Sobre as alternativas possíveis, Souto aponta: “A respeito de nossa posição epistêmica, permanecer fechada no refúgio acadêmico-paranoico, descartando toda fonte de conhecimento não hegemônica, seria igualmente absurdo” (SOUTO, 2011). Ele critica, portanto, o desinteresse paretiano através (por que não?) do potencial político da literatura (ou outras formas de conhecimento): “Parece necessário lembrar: nem a *ficção* mais surrealista é totalmente alienada do mundo, nem a *não ficção* mais técnica está livre de retórica e ilusionismo” (ibidem).

No trecho que segue, tento identificar algumas semelhanças na teoria científica de Pareto e política em Bobbio, para, posteriormente, discutir um afastamento metodológico. Esse passo possibilita apontar lacunas na teoria paretiana, e será retomado posteriormente.

Para Ruiz Miguel, “Bobbio faz uma combinação algo rara, a do senso histórico com a inspiração analítica e a preocupação empírica” (RUIZ MIGUEL apud LAFER, 1991, p. 47). No prefácio de *Três ensaios sobre a democracia*, Lafer busca representar a virtude metodológica deste autor que, com uma visão *realistas* obre a democracia, parece, em momentos, se aproximar da metodologia pretendida por Pareto. Para Lafer, Bobbio observa a real distinção entre o papel da razão e sua função efetiva na política, a diferença do *ser* e do *dever ser*.

Mas de que maneira a ciência paretiana se aproxima da visão política realista de Bobbio? Ao estudar a democracia, Bobbio credita à racionalidade e ao individualismo a possibilidade de um sistema em que os indivíduos possam “fazer a política no pluralismo de suas perspectivas” (BOBBIO apud LAFER, 1991, p. 53). O autor vê somente nas regras do jogo democrático a possibilidade “de rever decisões que se revelarem inoportunas, ineficazes e injustas, ou seja, por procedimentos que se assemelham ao método científico”. A crítica é o denominador comum de nossos dois autores. A racionalidade paretiana está para a ciência da mesma forma que a racionalidade do jogo democrático está, para Bobbio, na política. Ambas permitem a crítica e, conseqüentemente, o jogo em si.

Bobbio vê, no universo não democrático do sistema internacional, poderes invisíveis (poderes tradicionais) que trazem “opacidade do poder, por força de razões de estado, argumentada com base nas necessidades de segurança diante dos riscos da vida internacional, que sempre são espaço para os abusos” (LAFER, 1991, p. 55). Em outras palavras, tal opacidade impossibilita a crítica. É a mesma opacidade que Pareto vê nos mitos, na religião, na metafísica, e que Gustavo Franco vê na literatura. É a inexistência da base crítica.

A diferença entre Bobbio e Pareto, porém, também se inicia aqui. Enquanto Pareto critica o aspecto metafísico de outras teorias que não sejam a sua ciência, parece não deixar espaços para ela mesma ser alvo de críticas. O radicalismo de Pareto não está presente em Bobbio. Nas metáforas do navio, do labirinto, da ideia pendular, esse ponto se encontra bem representado. Apesar de seu realismo preservar a “possibilidade de um enfoque do processo histórico dotado de objetividade e de universalidade”, Bobbio admite a existência de *limites epistemológicos ao conhecimento*. Estedá um passo a mais que Pareto.

Apesar de Pareto buscar valer-se de um materialismo, não o incorpora na sua própria teoria (e, para mim, o faz deliberadamente), enquanto Bobbio relaciona-se melhor com a materialidade de seu objeto. Este deixa clara a diferença entre a eficácia e a validez do sistema democrático que defende: “na sua reflexão sobre o direito tratou o descompasso entre a norma e a realidade social e da complementaridade entre validade e eficácia, e que se mostra um realista na avaliação dos fatos políticos” (LAFER, 1991, p. 57), enquanto a teoria paretiana se pretende a mais completa, bela e eficaz possível.

Pareto = Romantismo, é possível?

Relacionada ao trecho anterior, no qual busco evidenciar que Pareto não segue seu próprio raciocínio metodológico, encontra-se a abordagem epistemológica de Habermas. Com base

na compreensão da ação comunicativa³⁴, o autor considera as ciências exatas e humanas como ciências hermenêuticas³⁵. Em outras palavras, Habermas fundamenta-se na ideia da impossibilidade da construção de um conhecimento desinteressado e, segundo ele, a sociologia científica paretiana (distinta da ideologia, como se pretende) seria *impossível*. Da seguinte forma, entendendo que, ao privilegiar certos aspectos de sua teoria (a crença da sua possibilidade, objetividade, neutralidade ético-política), Pareto afasta-se deliberadamente da materialidade e revela-se um romântico.

Característico da Escola de Frankfurt, da qual faz parte, Habermas orienta-se por um viés crítico da construção do conhecimento. Observadores das barbáries da Segunda Guerra Mundial, os estudiosos frankfurtianos criticam a existência de uma teoria científica pura, através da qual discursos de ódio e dominação foram difundidos. Se o conhecimento é sempre engajado, interessado, a epistemologia acompanha essa perspectiva. Em outras palavras, a cada época, interesses dominantes guiam a produção de conhecimento e, conseqüentemente, o paradigma que guia a fundamentação do conhecimento segue o mesmo movimento.

A dinâmica da ação comunicativa – através da qual, segundo Habermas, se fundamenta o conhecimento – é uma relação conflituosa de diferentes interesses, os quais disputam a melhor forma de argumentação. Conforme o autor, a categoria justificação diz menos a respeito da verdade (como na epistemologia clássica) do que o consenso sobre determinada forma de argumentação. Se a verdade somente é possível através da ação comunicativa, não é absoluta, não existe *a priori*.

Em resumo, as teses de Habermas são antifundacionistas. Condena as pretensões das ciências ditas nomotéticas, rechaça suas leis gerais, absolutas e a pretensão de se constituírem como espelho da natureza. Segundo ele, não há como escapar da interpretação, nem mesmo na matemática – os números não dizem nada por si só, são possíveis somente através da linguagem compreensiva. O mundo enquanto categoria só é possível através da interpretação do homem e, portanto, através de seus interesses.

Ao relacionar Pareto ao conceito de ação comunicativa, procuro denunciar, sob outra perspectiva, a mesma crítica feita por Julio Souto sobre o fato de a ciência paretiana, como constituída separadamente das ideologias, ser somente uma pretensão, uma utopia. Em seu artigo, Souto propõe a elevação de uma literatura de viés político, em detrimento de uma ciência supostamente neutra. Habermas não vê o processo exatamente da mesma forma, nem Bobbio. Sob a mesma figura do meio termo, os dois conciliam objetividade e limites do discurso.

Em Habermas, encontramos o seguinte raciocínio sobre a racionalidade: o mais racional é o acordo sobre o melhor argumento, o qual esteve alicerçado, preferencialmente, em condições ideais de fala (sem interferência externa, como, por exemplo, a compra do melhor argumento). É semelhante às condições do jogo democrático para Bobbio: tanto as condições de fala quanto as regras do jogo democrático são regras anteriores à discussão e apresentam-se a todos.

Souto acaba por se afastar de Habermas, pois o frankfurtiano afirma que o melhor argumento não é somente aquele acompanhado pela retórica, ou pela relativização³⁶. Nesse ponto, o autor demonstra não ser totalmente cético quanto à objetividade. Habermas acredita

34 Procuro explicar aqui de uma maneira extremamente simplista.

35 Observa-se uma ruptura em relação à epistemologia tradicional que, originalmente, as divide em ciências nomotéticas (classificadoras e generalizantes) e hermenêuticas (interpretativas).

36 O melhor argumento é sempre dotado de alguma racionalidade. Não será somente fantasia ou construção imaginativa de fortaleza.

em uma verdade (através do processo do melhor argumento) representativa do real, mas que nunca deixa de ser entendida como interpretativa. É possível pensar que o melhor argumento é o que mais se aproxima da realidade, e que a própria ação comunicativa é parte da realidade. O autor não defende anarquias (“criativas”) ou absurdos, mas o reconhecimento do interesse humano na construção do conhecimento.

Ao reler Pareto sob a ótica da ação comunicativa e os pressupostos epistemológicos de Habermas, não acredito em nenhum momento que a ciência paretiana seja ingênua. Prefiro pensar que Pareto, na exaltação de sua própria objetividade, é também um romântico, enquanto Habermas reconhece limites mais reais da capacidade humana.

*As (possíveis) amarras entre razão e emoção*³⁷

É a partir da análise de um capítulo da obra de Norberto Bobbio que se forma o fio condutor item do texto do tópico que segue. Bobbio reserva em seu livro *Ensaios escolhidos: história do pensamento político*, que reúne análises sobre as obras de grandes nomes da política e da filosofia³⁸, um capítulo à obra *Tratado de Sociologia Geral*, de Pareto, ressaltando a questão ligada à ideologia, que permeia os estudos deste último autor.

A teoria paretiana, que objetivava a busca pelo programa de uma sociologia científica, é realmente admirável, mas abre *flancos* capazes de nos causar dúvidas. Pareto acreditava que aquilo que ele fazia, seguindo seus rígidos critérios, podia ser chamado de ciência pura – *teoria lógico-experimental* – e nada possuía de ideologia – *teoria não lógica*. Porém o próprio Pareto afirma, segundo Bobbio (s/d, p. 153), que os homens são movidos pela fé e que acreditam *antes* de compreender, e muitas vezes *sem* compreender, ou seja, ele mesmo admite que o ser humano não é totalmente racional. Dessa forma, surgem os questionamentos: o ser humano é capaz de elaborar uma ciência totalmente lógica, sem resquícios de sentimento? As regras expostas por Pareto, capazes de elaborar um método científico, são mesmo suficientes para dar origem a uma ciência totalmente destituída de emoções?

A paranoia paretiana

A ciência de Pareto, baseada nesse rigor científico, que preza pela racionalidade do pesquisador e pela busca de uma ciência sem traços de ideologia, foi foco de muitos debates teóricos; inquietou, e continua a inquietar, muitos autores que caracterizam a empiria-racional como uma busca praticamente inalcançável.

Radical, Julio Souto (2011) pertence a este grupo e afirma que a empiria paretiana pode ser chamada de *paranoica*, já admitindo o seu posicionamento. Em sua resenha, *Pareto, um personagem de Kafka*, Souto valora a ciência como um *ensaio* e acredita que a recuperação da hermenêutica dar-se-ia como uma prática necessária e saudável. Além disso, Souto compara Pareto a um dos personagens de Franz Kafka, famoso escritor de ficção da língua alemã do século XX, que, em um de seus escritos ficcionistas, descreve a busca de um personagem pela *praça principal de um castelo, situada não exatamente no centro da construção*; assim

³⁷ Item redigido por Carolina Pimentel Corrêa.

³⁸ *Ensaios escolhidos: história do pensamento político*, livro de Norberto Bobbio, divide-se em capítulos específicos sobre diferentes e importante autores do pensamento político, dentre eles: Mosca, Hegel, Marx, Vico, Gramsci, Hobbes, Kant e Pareto.

como Pareto que busca uma ciência pura (uma verdade) sem resquícios de ideologia. A comparação é muito inteligente e dá margens para que Souto exprima a sua intenção de negar a existência dessa ciência embasada na razão pura, distinta de qualquer ideologia, fundamentada única e exclusivamente na experiência.

No entanto entender a ciência com a anarquia de Souto (2011) é difícil para qualquer estudante de sociologia que cresceu academicamente lendo os escritos de Weber – com seu conceito de *neutralidade axiológica* – e aprendeu metodologia lendo *O ofício de sociólogo*, de Bourdieu (2004). A busca pelo distanciamento do *senso comum* é ensinada aos estudantes desde o princípio de seus estudos; não com o princípio da necessidade de que nos valhamos da racionalidade paretiana, porém com a certeza de que a sociologia é uma *ciência* e a mesma só se faz distanciando-se do *senso comum*.

Não se defende aqui a racionalidade paretiana, muito menos a busca por neutralidade por parte do pesquisador, pois na sociologia, principalmente, esse debate ainda está em aberto. Estar livre de valores, numa ciência que estuda o próprio meio no qual o pesquisador está inserido, é muito difícil. O próprio Weber (1991), que prezava pela famosa *neutralidade axiológica*, admite que, por maior que fosse o esforço do cientista para desprender-se dos juízos de valor, isso não significaria que a investigação científica estivesse livre de valores. Vejamos o que o próprio autor nos diz:

Uma ciência empírica não pode ensinar a ninguém o que deve fazer, só lhe é dado – em certas circunstâncias – o que quer fazer. É verdade que, no setor das nossas atividades científicas, continuamente são introduzidos elementos de cosmovisão das pessoas, bem como na argumentação científica. (WEBER, 1991, p. 111).

Assim, é necessário refletir até que ponto o rigor científico é válido dentro da academia e para o resultado das pesquisas científicas. O que não se sabe é se a racionalidade e a fuga dos juízos de valores, ideologias, emoções, políticas ou filosofias são realmente pré-requisitos para se fazer ciência.

A vigilância epistemológica como válvula de escape para o dilema

Segundo Bourdieu (2004), nas ciências do homem, em especial, a separação entre opinião comum e o discurso científico é mais imprecisa: “A familiaridade com o universo social constitui, para o sociólogo, o obstáculo epistemológico por excelência porque ela produz continuamente concepções ou sistematizações fictícias ao mesmo tempo que as condições de sua credibilidade” (ibidem, p. 23). Por isso, a *vigilância epistemológica* por parte do pesquisador é importante.

Na *vigilância epistemológica* de Bourdieu (ibidem), trata-se de um exercício proposto ao sociólogo. Segundo Bachelard (apud BOURDIEU, 2004, p. 12) essa prática seria “um meio de aumentar e dar maior precisão ao conhecimento do erro e das condições que o tornam possível e, por vezes, inevitável”. Auxilia, assim, na criação de formas para evitar o possível erro do pesquisador.

À semelhança de Pareto, Bourdieu afirma que a sociologia só pode se constituir, realmente, quando separada do *senso comum*, opondo-se às pretensões sistemáticas daquilo que ele chama de *sociologia espontânea*. No entanto, o autor critica a *neutralidade axiológica* weberiana, caracterizando-a como “*a falsa neutralidade das técnicas*”:

A ilusão de que as operações axiologicamente neutras são também epistemologicamente neutras limita a crítica de um trabalho sociológico, o próprio ou o dos outros, ao exame, sempre fácil e muitas vezes estéril, de seus pressupostos ideológicos de seus valores últimos. (ibidem, p. 54).

O autor ainda complementa afirmando que o princípio da neutralidade, presente na maioria das tradições metodológicas, pode, em sua forma rotineira, incitar ao erro epistemológico, quando, afinal, sua pretensão é evitá-lo. “Recusando-se a ser o sujeito científico da sua sociologia, o sociólogo positivista dedica-se, salvo milagre do inconsciente, a fazer uma sociologia sem objeto científico” (ibidem, p. 64).

Assim, Bourdieu, apesar de afirmar veementemente que a ciência necessita de certo rigor científico que a diferencie do *senso comum*, ele também entende que o total desprendimento do pesquisador para com as influências valorativas é falso, pois o trabalho como sociólogo exige que o mesmo se reconheça dentro da pesquisa.

O que o autor ressalta é apenas a importância do estudo teórico; segundo ele, o objeto de pesquisa só pode ser definido e construído em função de uma problemática teórica. Citando Popper, Bourdieu afirma: “a teoria domina o trabalho experimental desde sua concepção até as últimas manipulações de laboratório” (2004, p. 48). No entanto isso não impede que o sociólogo entenda e perceba os seus valores presentes na pesquisa. O importante, apenas, é manter uma *vigilância epistemológica* para que tais valores não se tornem uma *sociologia espontânea* sem referencial teórico e influenciem de modo negativo o processo científico. Isso não significa a negação de qualquer emoção (até porque, como já vimos, na sociologia isso é muito difícil), muito menos a busca pela ínfima neutralidade e racionalidade científica. Objetiva-se, de acordo com Bourdieu (2004), a atitude de repensar cada operação da pesquisa, mesmo as mais rotineiras e óbvias, mantendo o cuidado permanente com as condições e os limites da validade de técnicas e conceitos utilizados pelo pesquisador.

O paralelo entre rigor científico e as regras do jogo democrático

Podemos pensar o exercício também a partir de Bobbio, o qual, segundo Lafer (1991, p. 47), foi “capaz de associar a clareza e o rigor do conhecimento com a visão do significado de uma realidade, ontologicamente percebida como complexa”. Bobbio buscou a relação entre *razão* e *democracia* para justificar sua teoria de democracia como uma forma de governo na qual existem certas regras. Bobbio lembra-nos que a tradição filosófica, começando por Platão, entendia a democracia como o oposto da razão, em função do predomínio das paixões do povo exploradas pelos demagogos. Por isso, a tradição clássica passou a ter “da razão uma percepção baseada na identidade entre ser e pensamento e na harmonia entre o homem e o cosmo, *ensejadora* do acesso racional aos caminhos do mundo, inclusive no campo da política” (BOBBIO s/d apud LAFER, 1991, p. 51).

No entanto, escolhendo a metáfora de um labirinto, Bobbio representa as dificuldades dessa ética de *princípios* e *resultados* necessária para sustentar boas e más razões ao conduzir a *república*. O autor propõe que o argumento ético se funda ora em *princípios* ora em *resultados*. Ao primeiro, liga-se uma ética de deveres e ao segundo, uma ética de fins a serem alcançados. Contudo há dificuldades numa ética de princípios, sendo estes muitas vezes incompatíveis, por exemplo liberdade individual *versus* igualdade social; “na prática, não existe

princípio que não esteja sujeito a exceções na sua aplicação em determinadas situações concretas” (LAFER, 1991, p. 48).

Lafer (ibidem, p. 54) resume o que considera ser a perspicácia de Bobbio:

[...] a relação entre democracia e razão permite conclusões mais positivas do que negativas. [...] Com efeito, a racionalidade das regras do jogo democrático é dada pelo livre debate antes da tomada de decisão; pelas diversas formas de controle da decisão tomada; e pela possibilidade, em função desse controle, de rever decisões que se revelarem inoportunas, ineficazes e injustas, ou seja, por procedimentos que se assemelham ao método científico. Nesse sentido, o livre debate e a contínua revisão dos resultados, que caracterizam o método científico – com o qual Bobbio se afina em função da sua preocupação com o rigor do conhecimento –, comportam um paralelo com as regras do jogo democrático.

Em *Liberalismo e democracia*, Bobbio destaca, esquematicamente, a ligação entre esses modos de governo, o que nos remete à relação entre razão e emoção. Para ele, liberalismo e democracia são compatíveis “e, portanto, componíveis, no sentido de que pode existir um Estado liberal e democrático sem, porém, que se possa excluir um Estado liberal não democrático e um Estado democrático não liberal [...]” (1990, p. 53). Além disso, ele afirma que liberalismo e democracia estão ligados necessariamente um ao outro, “no sentido de que apenas a democracia está em condições de realizar plenamente as ideias liberais e apenas o Estado liberal pode ser a condição de realização da democracia” (ibidem, p. 53).

Destarte, levando em consideração que o liberalismo liga-se ao pensamento racional, e a democracia liga-se às emoções do povo – ou paixões, como já afirmado anteriormente –, nota-se a sutileza do autor ao combinar os dois modos de governo em busca da possibilidade mais adequada.

Respondendo aos questionamentos expostos neste item, Bourdieu (2004) e Bobbio alcançam o ponto central que delimita as relações entre a razão e a emoção, a *estação* situada entre a teoria rigorosa de Pareto e as proposições *anarquistas* de Souto. Bourdieu propõe uma *vigilância epistemológica* que considere a existência e a influência de valores e emoções no trabalho do sociólogo. Bobbio, por sua vez, propõe um conceito de democracia que leva em conta as regras do jogo necessárias para que a emoção não traga à tona um estado de violência. O que eles têm em comum?

Ambos entendem que o desafio é sempre encontrar uma maneira de transformar essa linha tênue que separa a razão da emoção em amarras capazes de se complementar e cooperar para a formação de uma ciência mais palpável para o ser humano, sem excluir ou criticar nenhuma das partes, selecionando aquilo que possuem de melhor e possível para ser posto em prática; sem negar a importância de certo rigor científico, mas também lembrando que o pesquisador não é um ser sem emoções.

*A razão e a emoção na ciência e na política*³⁹

O presente texto é fruto de algumas reflexões acerca do conceito de razão (e, em consequência, sua relação com as paixões humanas), a partir da leitura de duas resenhas: uma de

³⁹ Item redigido por Fabrício Teló.

Norberto Bobbio sobre o *Tratado de Sociologia Geral*, de Vilfredo Pareto, e uma reação a esta, de Julio Souto, com posições claramente contrárias. Far-se-á, portanto, de forma muito modesta, uma incursão nos caminhos da epistemologia, ou seja, no campo dos estudos sobre o conhecimento e as maneiras de se chegar a ele, tendo em mente que essa é uma das discussões mais antigas na filosofia, sendo quase sua questão principal. Após isso, pretende-se analisar o conceito de razão na esfera da teoria política, a partir dos estímulos de um texto de Celso Lafer sobre Norberto Bobbio, ao comentar a relação proposta pelo cientista político italiano entre razão, paz e democracia. Ao final, busca-se estabelecer uma relação entre o uso do conceito de razão na ciência e na política.

Razão e emoção na ciência

Se tivéssemos que eleger o pensador que mais se destacou na tentativa de racionalizar a ciência, Pareto teria grandes chances de ser o vencedor da eleição. Ele vê o homem como um animal ideológico, constituído por resíduos (sentimentos e valores, portanto, paixões) e derivações (raciocínios lógicos ou pseudológicos cuja necessidade foi gerada pelos próprios resíduos). É a partir desse pressuposto que o autor elabora seu aprofundado estudo sobre as ideologias, postulando que elas podem ser tanto úteis (inclusive necessárias) quanto nocivas à sociedade. Em relação a isso, Pareto não vê problema, pois ele distingue verdade de utilidade. O que o aborrece é a divulgação (especialmente por parte dos cientistas sociais) das ideologias (que são não experimentais e não necessariamente lógicas) como sendo científicas. Ciência e ideologia pertenceriam a dois campos totalmente separados, nada tendo em comum um com o outro. A primeira restringe-se à observação e ao raciocínio (razão) e a segunda, ao sentimento e à fé (paixões).

Pareto acredita (e Bobbio partilha de sua crença) na possibilidade de se praticar uma ciência livre de valores, como se, no momento da pesquisa, o ser humano pudesse desvincular-se de sua história de vida e de seus princípios (incorporados, muitas vezes, inconscientemente) para, como se fosse um robô, investigar a realidade.

O teórico franco-italiano propõe a *construção* uma ciência social totalmente objetiva, desprovida de resíduos, pautada necessariamente na observação e na experiência, uma ciência sem ideologias, a fim de chegar ao ser humano *de carne e osso*, à verdade das *coisas* (é a partir delas que deveriam surgir as palavras e não o contrário). Uma Ciência (com “C” maiúsculo) só seria possível se fosse totalmente racional, desvinculada completamente de paixões e interesses. O autor coloca-se, assim, como um pensador realista, ou seja, que descreve as coisas tais como elas realmente são, e não como elas deveriam ser. Bobbio aparentou ser empático à teoria paretiana, diferentemente de Julio Souto, que caracterizou Pareto como um personagem de Kafka, em *A construção*⁴⁰. Ao metodismo extremo de Pareto, contrapôs-se, então, uma quase “anarquia metodológica”, questionando, de forma muito inteligente, bem fundamentada e com o toque artístico da literatura, os pressupostos da teoria paretiana.

Como não poderia deixar de ser, o principal questionamento foi em relação à pretensão de Pareto de se dizer neutro e ser capaz de fazer uma ciência imparcial, baseada unicamente na observação objetiva dos fatos. A intenção de Souto, ao comparar o autor com o personagem kafkiano, é afirmar que, no fundo, o que Pareto estava buscando, na formulação de sua teoria, era um refúgio no qual estivesse protegido; ou seja, colocando-se como neutro, suas

40 Este personagem estava em busca de um refúgio onde pudesse se sentir seguro em meio a um labirinto.

afirmações teriam estatuto de verdade universal e não poderiam ser questionadas. Pareto, nesse sentido, também é um utópico, pois propõe sugestões impossíveis de serem praticadas.

Com efeito, é típico de um conservador atribuir ao empirismo e à neutralidade a validade epistemológica de suas afirmações. Virgínio (2006) nos propõe as ideias de Bourdieu para compreender melhor como se dão as relações entre os cientistas dentro de um *campo científico*, cujo funcionamento e estrutura resultam na construção do saber científico, processo este marcado por intensas disputas por prestígio e reconhecimento entre os cientistas a fim de deter o monopólio da autoridade científica e, conseqüentemente, ter as afirmações reconhecidas como verdade. Na prática, são os interesses do grupo de cientistas que obtiver maior acúmulo de capital científico (a *classe dominante* dentro do campo científico) que serão considerados interesses universais. “Desta forma a autonomia da ciência é falsa, e sua neutralidade uma farsa. Mais precisamente, a ciência atende aos interesses econômicos e políticos da classe dominante” (ibidem, p. 101).

Nesse sentido, Bourdieu (1983, p. 148) afirma:

A ideia de uma ciência neutra é uma ficção, e uma ficção interessada, que permite fazer passar por científico uma forma neutralizada e eufêmica, particularmente eficaz simbolicamente porque particularmente irreconhecível, da reprodução dominante do mundo social.

Além disso, ao realizar a pesquisa, o sujeito pesquisador interfere no objeto; então, o que ele irá pesquisar já não é mais o objeto (ou fato) tal como ele o era, de fato, mas será transformado agora no produto da relação que foi estabelecida entre o sujeito e o objeto. Já não se tem mais o objeto puro. Tem-se, ao contrário, um objeto modificado parcialmente pela intervenção do pesquisador. E isso pode servir tanto para as ciências humanas quanto para as naturais. O que se entende como realismo, portanto, passa a ser questionável.

Pensadores ligados à área dos estudos em ciência e tecnologia, em geral, também tendem a fazer essa leitura sobre o realismo. Tais autores procuram identificar os condicionamentos sociais na construção do conhecimento. Dentre eles, um que se destaca pela radicalidade é David Bloor (2009), com a obra *Conhecimento e imaginário social*, publicada pela primeira vez em 1976, na qual postula que toda experiência humana é mediada por convenções sociais e, sendo assim, pode ser objeto de investigação sociológica. Até então, a sociologia só podia se preocupar com os erros da ciência. A partir de Thomas Kuhn, com *As estruturas das revoluções científicas*, e, definitivamente, com Bloor, ela passa a se preocupar também com o conhecimento tido como verdadeiro. Bloor é mais radical que Souto, pois parte do pressuposto de que não existe uma *realidade*; tudo se explicaria pela sociedade, e a natureza não teria interferência alguma na construção do conhecimento. Bloor constitui o extremo oposto do entendimento paretiano. De fato, ignorar a interferência da natureza na produção do conhecimento é um risco de incorrerem em erro, ou talvez não. Ainda não há nada provado em nenhum dos lados.

O professor Fabricio Monteiro Neves, na disciplina intitulada Estudos Sociais em Ciência e Tecnologia, propôs o seguinte esquema didático para relacionar o entendimento sobre o conhecimento referido a um enquadramento político⁴¹:

41 Feyrabend, Souto e Pareto foram acrescentados ao esquema teórico pelo autor deste item.

Posicionamento	Radicais	Progressistas	Conservadores	Reacionários
Entendimento sobre conhecimento	Não existe realidade. A natureza não interfere na produção do conhecimento.	Explicam a natureza pela sociedade.	Fazem uma associação com a sociedade.	Tudo se explica pela observação dos fatos empíricos a partir da natureza.
Autores	Bloor; Feyrabend.	Kuhn; Souto.	Kuhn (na fase posterior à publicação de <i>As estruturas das revoluções científicas</i>).	Pareto; Hume; Locke.

Geralmente extremismos não contribuem para um melhor entendimento dos processos. A resenha de Souto, nesse sentido, não se mostrou tão radical quanto a proposta de Bloor ou Feyrabend, que nega qualquer tipo de imposição de normas que venham de fora da própria lógica da pesquisa, numa aversão total à ideologia científica.

O que se conclui dessas duas análises é que, independentemente da nossa vontade, por mais que nos esforcemos para conter nossas emoções, através da razão, a ciência que fazemos sempre será influenciada pela nossa paixão. Pareto, portanto, ao propor uma ciência livre de ideologias, está propondo uma utopia.

Emoção e razão na política

Depois que Weber, em *A objetividade do conhecimento na ciência política e social* e em *A ciência como vocação*, propôs uma separação entre ciência e política, passou-se a considerar o campo da política como o lugar da defesa das emoções, das ideologias, das crenças, o lugar onde não haveria compromisso com a razão, tal como se deveria fazer na ciência. Ciência e política passaram a ser oficialmente dois campos distintos.

Lafer (1991), ao teorizar a respeito da relação entre razão, paz e democracia em Norberto Bobbio, tem por objetivo mostrar que na política também se faz uso da razão. E mais: é quando se faz uso dela que se chega à democracia e se passa do estado de violência (estado natural hobbesiano) ao estado de não violência (“civildade”).

Essa passagem se dá através da consolidação do Estado democrático de direito, no qual as leis garantem a proteção dos indivíduos e a satisfação de seus direitos essenciais. Bobbio considera a democracia como sendo as regras do jogo no qual se instituiu o poder popular e propõe uma semelhança entre tais regras com as normas do método científico, pelo fato de se basearem na racionalidade, como uma forma de contenção dos desejos e das vontades, das paixões.

Tal compreensão de Bobbio tem origem em Hobbes, o qual propunha que

[...] o homem é um composto de movimento animal, movimento passional e razão calculadora (em Hobbes, raciocinar é calcular). O ser humano, diferentemente dos outros animais, é capaz de incluir o cálculo para escolher a melhor ação a ser tomada ao deliberar sobre a melhor forma de realizar seus interesses e desejos ou evitar possíveis prejuízos a si próprio e aos outros. (LEIVAS, 2009, p. 64).

A razão em Hobbes assume uma função acessória de ajudar o homem a deliberar sobre seus desejos:

Na esfera da teoria política o tratamento dispensado por Hobbes à relação razão-paixão toma a seguinte direção: a passagem do estado natural para o estado político requer a associação entre razão e paixão para fazer frente aos indecisos ou interesseiros (esses últimos no sentido negativo de obter-se vantagens individuais a curto prazo quando surge a possibilidade de uma paz duradoura a longo prazo) no momento do pacto fundador da nova entidade política (Estado moderno) (ibidem, p. 64-65).

A política, então, apesar de ser o *lócus* por excelência da emoção, é permeada por muitos cálculos e raciocínios, no sentido de articular estratégias inteligentes a fim de se chegar aos objetivos propostos.

A humanidade: razão e emoção na condução dos caminhos

Leivas (ibidem) destaca uma contribuição decisiva de Michael Walzer, filósofo político norte-americano, a respeito da condição humana. Segundo esse autor, somos todos constituídos por razão e emoção, e esses dois componentes são inseparáveis. Não nos é possível fazer algo a partir unicamente de um desses dois elementos, porque os dois terão influência, ou seja, todos os produtos da ação humana são frutos da articulação de decisões entre vontades e cálculos. Walzer propõe ainda que se torne menos pujante a distinção que se faz entre razão e emoção, promovendo, então, uma racionalização das paixões e uma emocionalização da razão.

Considerando, portanto, a ciência e a política como produtos da ação humana e analisando as ideias anteriormente expostas, concluímos que ambas são influenciadas tanto por vontades e desejos passionais quanto por cálculos e raciocínios mais contidos. Na prática, normalmente se coloca a ciência como um campo em que as paixões não devem estar presentes e que todas as ações devem ser conduzidas unicamente pela razão. A política, por sua vez, é colocada como o espaço por excelência do predomínio das paixões, em detrimento da razão, em que a disputa pelo poder é marcada pela defesa das ideologias. O que se pôde constatar a partir dessas reflexões, porém, é que, sendo o ser humano constituído tanto por razões quanto por emoções e sendo estas inseparáveis, tanto a ciência é movida por razão e paixão quanto a política é sustentada por paixão e razão.

Certificação científica: as possibilidades de diálogo entre o pesquisador e seus valores⁴²

Vilfredo Pareto, economista e sociólogo italiano, buscava a ciência independentemente de sua utilidade, considerando a sociologia como a busca da verdade sem efetuar juízos de valor, sem almejar a solução dos problemas sociais. Julio Souto, por outro lado, faz em seu escrito *Pareto, um personagem de Kafka* (2011) uma forte crítica ao rigor metodológico do autor, dizendo que este “se define como um fim em si mesmo”. Sua intenção é “quebrar o mito de um cientista onisciente”.

Pretende-se, neste item, alcançar um meio-termo entre essas duas perspectivas do *fazer ciência* anteriormente apresentadas. Para tal, usar-se-á como suporte a metodologia de Max

⁴² Item redigido por Jéssica Maria Rosa Lucion.

Weber que, ao que tudo (e todos) indica(m), está mais próxima de Pareto do que de Souto. A proposta, porém, não é aproximá-lo de nenhum dos dois, mas pôr em discussão a questão da presença dos valores do pesquisador na pesquisa nas ciências sociais, até onde, a partir da ótica weberiana, eles são capazes de não interferir na certificação de algo como ciência. Além disso, discutir-se-á, rapidamente, a utilidade/não utilidade das pesquisas nesta área para a sociedade.

A pesquisa, o pesquisador e os seus valores

A pesquisa social, de acordo com Minayo (1999, p. 105),

[...] trabalha com gente, com atores sociais em relação, com grupos específicos. Esses sujeitos de investigação, primeiramente, são construídos teoricamente enquanto componentes do objeto de estudo. No campo, fazem parte de uma relação de intersubjetividade, de interação social com o pesquisador, daí resultando um produto novo e confrontante tanto com a realidade concreta como com as hipóteses e pressupostos teóricos, num processo mais amplo de construção de conhecimentos.

Dessa forma, a ciência social não é neutra, nela estão contidos, além dos contextos histórico e social, o pesquisador e os seus valores. Segundo Weber (1986, p. 87), “não existe qualquer análise científica puramente objetiva da vida cultural”; o pesquisador orienta-se pelos elementos que ele considera importantes. Ao fazer ciência, o pesquisador leva em conta, na escolha do objeto, das teorias e da metodologia, seus valores, interesses e o contexto socio-cultural no qual está inserido. Com essa curta introdução sobre os valores na ciência, busca-se analisar a posição de Weber quanto ao assunto em tela.

Para Weber, a pesquisa tem dois momentos: um subjetivo e outro objetivo. No primeiro momento, que pode ser entendido como a fase do *projeto* de pesquisa, evidencia-se a presença do pesquisador que irá escolher seus objetos, os elementos relevantes para a pesquisa, as teorias etc., a partir de seus parâmetros pessoais. O segundo momento diz respeito à investigação, que deve ocorrer com objetividade, em que os valores do pesquisador não podem influenciar o objeto e o resultado final da pesquisa. Não se pretende, aqui, entrar na discussão sobre a presença do pesquisador no meio pesquisado como forma de influenciá-lo, mas focar nos valores do pesquisador como, mesmo que presentes apenas na fase inicial da pesquisa, influentes no resultado final.

Seriam necessárias muitas páginas se a pretensão fosse provar essa hipótese através de exemplos práticos. Usa-se, então, apenas um exemplo. Ao comentar a passagem da modernidade para a pós-modernidade, David Harvey apresenta no seu livro *Condição pós-moderna* (1992) várias definições, dadas por outros autores, do que seria e como se caracterizaria a pós-modernidade. Nessa discussão, surge a questão da chamada “massa cultural”, muito tempo antes já comentada por Adorno e Horkheimer num termo similar, a “indústria cultural”. Para Daniel Bell, a cultura produzida na pós-modernidade seria antes uma necessidade produzida pelo sistema do que uma escolha do consumidor:

[...] a degeneração da autoridade intelectual sobre o gosto cultural nos anos 60 e a sua substituição pela pop arte, pela cultura pop, pela moda

efêmera e pelo gosto da massa são vistas como um sinal do hedonismo inconsciente do consumismo capitalista. (HARVEY, 1992, p. 62).

Continuando seu texto, Harvey (1992, p. 63) escreve: “Iain Chambers (1986; 1987) interpreta um processo semelhante de maneira bem distinta”. Para o referido autor, a expansão da cultura de consumo propiciou à juventude operária no pós-guerra a construção de uma identidade através da moda, mesmo que a grande produção do momento desejasse impor os padrões de gosto através da propaganda. A democratização do gosto, postula Chambers, favoreceu a formação de identidades e a afirmação de grupos que antes eram “relativamente desprivilegiados” (ibidem, p. 63). O que importa aqui não é chegar num consenso sobre o conceito de pós-modernidade, mas usar essas duas definições como exemplos para mostrar como o pesquisador, o jeito, o ângulo através do qual se olha para um objeto influenciam no modo como o conceituamos, o caracterizamos e quais serão nossas conclusões.

Retornando o foco para a metodologia de Weber, discute-se agora o conceito de tipos ideais proposto pelo autor. Os tipos ideais seriam mecanismos técnicos que o cientista emprega para não se perder durante seu estudo. É um meio para atingir o seu resultado científico final. Com o tipo ideal, o cientista trabalha pela *abstração*, convertendo a realidade numa construção do próprio pesquisador. Seria como um primeiro passo da pesquisa, uma montagem de categorias e conceitos que serviriam para guiar o restante do trabalho. A questão aqui é que, para Weber, a construção desses tipos ideais, que irão nortear toda a pesquisa, tem origem nos elementos da realidade que são significativos para o pesquisador, ou seja, os tipos ideais serão levantados de acordo com uma significação cultural. Isso significa dizer que a pesquisa será orientada de acordo com essas definições que são carregadas de valores do pesquisador.

Sintetizando, para Weber, “sem as ideias de valor do investigador não existiria qualquer princípio de seleção nem conhecimento sensato do real singular” (1986, p. 98); dessa forma, “as ideias de valor que dominam o investigador e uma época podem determinar o objeto do estudo e os limites desse estudo” (ibidem, p. 100). É desse modo que se entende aqui a não isenção total dos valores do pesquisador durante a pesquisa, pois as próprias categorias elaboradas por ele seriam construções que levam em conta a sua subjetividade. A formulação dos tipos ideais weberianos contraria Pareto ao formular as palavras (tipos ideais) em face das coisas?

O último ponto a ser tratado neste tópico diz respeito à ação social, o que Weber toma como o objeto da sociologia. A ação social seria o comportamento, com caráter subjetivo, de um indivíduo orientado para outro indivíduo, de modo que a ordem social seria o conjunto dessas ações. Assim, o que Weber busca é o *sentido* da ação social, o que é empiricamente difícil de conhecer, pois possui um caráter abstrato. Sendo o sentido das ações abstrato, não se pode explicar uma ação social, mas sim *compreendê-la*⁴³. Esse exercício é relativo, pois a ação pode despertar em cada pesquisador um sentido diferente. Tem-se aí, mais uma vez, a presença subjetiva do pesquisador.

A presença, ou não, dos valores do pesquisador na realidade que ele estuda abre um leque de possibilidades para outras discussões. Uma delas traz à tona a questão da utilidade da ciência para a sociedade. A ciência deve servir à sociedade ou servir-se dela?

43 Por essa razão a sociologia de Weber ficou conhecida como *sociologia compreensiva*.

Quem somos e para onde vamos?

Ao adentrar no universo da ciência, durante a trajetória acadêmica, é quase impossível para um aluno de Ciências Sociais não entrar em conflito consigo mesmo, procurando entender quem ele é e para onde está indo, qual seu papel perante a sociedade. Na busca de uma saída para a sua angústia, atordoado-se ao buscar um objeto que o conforte, que o projete, que produza reconhecimento, que seja útil para algo ou alguém.

Pareto, ao formular um programa para a sociologia científica, estabelece alguns pontos que são essenciais para quem deseja *fazer ciência*. Num desses pontos, Pareto proclama que não cabe ao pesquisador a tarefa de desenvolver uma *ciência útil* à sociedade, mas apenas produzir teorias, mesmo que elas não tenham nenhuma utilidade. Ele chega a afirmar que as ideologias seriam mais úteis que a ciência. Weber também não acredita num *milagre* da ciência, inviabilizando-a como uma possível resposta para os problemas que assolam o mundo; “a ciência não é produto de revelações, tampouco é graça que um profeta ou um visionário houvesse recebido para assegurar a salvação das almas” (WEBER, 1983, p. 47).

A tentativa de unir ciência, prazer e luta política não vem de hoje e não se manifesta apenas nos recentes alunos de Ciências Sociais que são influenciados pelas constantes transformações contemporâneas e assolados pelas crises que tomam conta da ciência que produzem. Dessa maneira, seria possível pensar que a ciência de Pareto teve alguma utilidade e que estava embutida de seus próprios valores e aspirações? Como Souto reagiu contra os pressupostos científicos paretianos, não se focará a atenção no seu ensaio, pois ele se *autoexplica*.

Pareto certamente não era inocente. Sabia para quem escrevia, e não é difícil perceber suas intenções. Preocupado com o ascenso da participação popular no século XIX, à semelhança de outros autores, desenvolveu teorias que ficaram conhecidas como *elitistas*. Na tentativa de *abafar* a erupção popular, Pareto e seus amigos disseram ao mundo que, em todas as sociedades, existia uma (pequena) elite e uma (grande) massa: a primeira, em menor número, detinha o poder político e comandava as decisões públicas, e a segunda, maioria da população, era governada pela primeira e seu papel público resumia-se a votar nas eleições periódicas. Dessa forma, a história assume um caráter cíclico, pois nada muda; a configuração social é sempre a mesma, não havendo a possibilidade de as massas chegarem ao poder. Não cabe a este ensaio discutir a veracidade da teoria elitista, mas apenas expor a presença dos valores desses autores, incluindo Pareto (aquele que negava qualquer fator valorativo na ciência), na formulação dessas pesquisas. Para desenvolver sua teoria, Pareto foi movido pelo contexto histórico e pelas suas próprias aspirações: a não ascensão popular. Produziu ciência, então, movido pelos seus valores, defendendo suas ideologias. Souto (2011), ao comentar Pareto, coloca-o como um ser “atormentado” que se esconde através de seu rigor científico: “A praça forte de Pareto e A Verdade, A Objetividade, a segurança de saber que a sua obra não é metafísica (nem filosofia, nem teologia, nem religião, nem mitos, nem fábulas)”. Ou seja, a ciência de Pareto pode ser entendida como a fuga do seu próprio eu.

Mesmo que a produção científica nas ciências sociais não leve seus pesquisadores a lugar nenhum, não tenha utilidade, a presença do *quem somos* é sempre presente (mesmo que Pareto tenha tentado ignorá-la). O pesquisador está sempre presente, mesmo quando, como postula Weber, a objetividade deve ser a única a conduzir o trabalho. Pareto esqueceu-se, ou propositalmente não assumiu, de que é um ser humano como qualquer outro, mesmo quando faz ciência. Afinal, a ciência é, de fato, uma criação humana.

Weber como possibilidade de meio-termo?

Este ensaio pretendeu refletir a questão metodológica nas ciências sociais, buscando-se discutir o papel do pesquisador (o *eu*) dentro da pesquisa social. Para tal, tentou-se formular um meio-termo que se situasse entre a metodologia de Vilfredo Pareto e Julio Souto, elencando-se traços do pensamento metodológico de Max Weber como possibilidade de mediação.

O que se propôs aqui foi pensar Max Weber como um cientista que não é totalmente objetivo (pois assume a presença dos valores do pesquisador no projeto do trabalho científico), nem totalmente romântico (pois o pesquisador deve buscar a objetividade no decorrer do trabalho). Assim, não estamos nem tanto a Pareto (racionalismo científico) nem tanto a Souto (possibilidade de *ciência irracional*). A mediação se dá de forma a entender a metodologia de Weber como uma possibilidade da utilização dos valores do pesquisador na pesquisa, sem que isso implique no não reconhecimento do feito como ciência, ou seja, não influenciando na certificação científica. Como propôs Celso Lafer (1989), ao analisar Bobbio, encontraríamos três caminhos para o conhecimento científico: o racionalismo, o ceticismo e o “meio-termo”. Pareto seria, obviamente, o racionalismo em que “atores conhecem o enredo e o desenlace” (ibidem, p. 49) da história. O pesquisador procura, através de um ponto racional, a finalidade de seu objeto e sua trajetória. O cético seria Souto, com o seu anarquismo, crente do “caráter caótico do processo [...] que escapa à razão” (ibidem, p. 49). O meio-termo seria então Weber, que, ciente da capacidade criativa do pesquisador para empregar seus valores nos conceitos típico-ideais e na análise da ação social, não esquece a racionalidade necessária durante o decorrer da pesquisa.

Ser cientista mediando o trabalho e as paixões (o que se aponta aqui como exercício mais difícil que negar ou assumir totalmente seus valores) é o que Weber propõe. Ciência em Weber é saber trabalhar seus valores sabendo colocá-los e retirá-los da pesquisa no momento certo. É saber guiar a experimentação de acordo com seus significados, saber tomar conhecimento da realidade sem tomar posição perante ela, porém sem isentar-se de quem realmente se é. Pois, como assinalou Karl Popper (2004, p. 17), “apenas nos casos mais raros pode o cientista social libertar-se do sistema de valores de sua própria classe social e assim atingir um grau mesmo limitado de ‘isenção de valores’ e ‘objetividade’”.

*Estranhar Pareto: notas sobre um ocaso metodológico*⁴⁴

Os temas de natureza metodológica nas ciências sociais trazem implícitas questões que, quando não são apropriadas pela epistemologia social, ficam em um limbo, como pressupostos que não merecem maior atenção. Pressupor estarem dadas questões de princípio quanto à metodologia é desconhecer que elas têm sentido maior ainda para o rol das ciências interpretativas, posto que estas não se resumem à captação *in natura* de dados brutos do sentido, mas lidam especificamente com o tratamento destes no plano semântico, do significado singular que os fenômenos sociais assumem em formações históricas particulares⁴⁵. Se

44 Item redigido por Fabrício Monteiro Neves.

45 Não entrarei aqui em maiores detalhes a respeito do caráter interpretativo das ciências da natureza. Vale dizer, no entanto, que esta é uma questão epistemológica ainda em aberto e que, para os estudos sociais em ciência e tecnologia (COLLINS, 1981), não resta dúvida de que o empreendimento das ciências da natureza é eminentemente hermenêutico.

assumirmos a ideia da epistemologia clássica de que conhecimento científico é crença verdadeira justificada, não resta dúvida de que a justificação das crenças verdadeiras nas ciências sociais passa pela discussão metodológica. Do contrário, recai-se em um empirismo vulgar, que aceita ingenuamente a relação direta entre mundo e conhecimento, a transparência da vida social⁴⁶, a relação tácita entre elementos empíricos desconexos.

Os temas metodológicos, desse modo, são-nos centrais, porque explicitam o que não é o centro de um trabalho de investigação. Mas eles não devem se sobrepor ao interesse maior do sociólogo, que é a compreensão do mundo social. Na história das ciências sociais, duas calamidades foram construídas com o propósito de dividir melhor o trabalho da disciplina. Estabeleceu-se uma separação entre sociólogos metodólogos e sociólogos teóricos, muitas vezes sem a intermediação necessária⁴⁷. Essa divisão, claramente em desuso hoje na sociologia, cedeu lugar à compreensão de que as questões metodológicas têm, ao menos, uma função instrumental.

As questões metodológicas devem preocupar-nos na medida em que se justifiquem logicamente (em termos da exigência da explanação científica), ou por causa de sua importância instrumental, seja para o conhecimento dos fenômenos investigados, seja para a descoberta da verdade. Fora desses limites, há o risco da disputa especulativa, que apenas acarreta descrédito (FERNANDES, 1980).

Em face disso, ao porem em separado procedimentos metodológicos do sociólogo italiano Vilfredo Pareto (1848-1923), os textos acima não deixam dúvidas ao estranhamento com que os autores, jovens acadêmicos do século XXI, se deparam. Deles, podemos extrair *sinais dos tempos* da atual epistemologia e metodologia das ciências sociais, sem, é claro, assumir aqui a pretensão de universalidade com o elenco. *Grosso modo*, releva-se a dicotomia epistemológica fundacionismo *versus* antifundacionismo, pleno de consequências metodológicas. Ao crer na possibilidade de basear a verdade científica em fundamentos sólidos, Pareto distancia-se de grande parte das opções mais recentes no campo da metodologia, majoritariamente antifundacionista, como a metodologia da etnometodologia.

É neste lado do campo de batalha que Pareto atacará seus adversários de seu tempo, mas receberá ataque nos tempos vindouros, como os elencados nos textos acima. A proposta fundacionista de Pareto liga-o ao “empirismo obsessivo” (como pontuado no texto de Julio Souto). Tal empirismo desconhece, segundo David Bloor (2009), que muito de nossa experiência ocorre dentro de um quadro de pressupostos, critérios, valores, compartilhados em uma comunidade linguística. Os dados empíricos não podem, ainda segundo o autor supracitado, ser isolados desses elementos que, na verdade, são fontes de significado, portanto, aquilo que os prendem à rede semântica das teorias. Desnecessário dizer, assim, porque se torna inviável o propósito paretiano de “uma representação realista e precisa dos objetos” (texto de Julio Souto), com base em formulações linguísticas precisas.

O chamado *giro linguístico* ocorrido nas ciências sociais, com base nas formulações do

46 No entanto, entenda o leitor, não se faz aqui menção a um acesso irrestrito por parte das ciências sociais ao mundo social que busca compreender, denunciando aquilo que alguns sociólogos chamariam da ilusão da transparência (BOURDIEU, 2004) ou da consciência (MARX, 2007). Quer-se dizer, lançando mão de um argumento da teoria dos sistemas, que a justificação do conhecimento baseia-se em seu próprio critério de verdade elaborado, e que a metodologia funciona como aquilo que liga logicamente os elementos que compõem a estrutura do programa de pesquisa construído, ou seja, a metodologia é responsável pela coerência interna.

47 Exceção seja feita às colaborações de Merton-Lazarsfeld e Bourdieu-Passeron.

último Wittgenstein⁴⁸, cobra seu preço quando se olha a proposta paretiana. O sentido das expressões linguísticas é sempre negociado, está sujeito à dinâmica da ação comunicativa, como se apresenta a crítica feita por Giovanna Rocha, com base em Habermas. A dinâmica de formação de consensos é a última referência para se buscar a gênese de um fato científico, ainda que o melhor argumento se apresente como o melhor argumento empírico. Mesmo esta referência na ciência, *empírico*, está condicionada a um consenso do que é ou não dado válido. Com tal observação, vê-se que a opção pela saída construtivista se impõe, ainda que Habermas não concorde com ela. E ela se impõe contra Pareto.

Fatos científicos são construções contextuais com capacidade de circulação em razão das negociações dos actantes em uma rede⁴⁹. Essa máxima construtivista, gestada nos últimos 30 anos, pelo que se convencionou chamar de estudos sociais em ciência e tecnologia, disseminou-se no interior das estratégias epistemológicas e metodológicas das ciências sociais. O fato científico jamais se apresenta de uma vez por todas no momento do procedimento experimental ou observacional. Sua estabilização como fato aceito depende de uma variedade de fatores dispostos no contexto em que ele se manifesta, dentre eles, e de forma necessária, mas não suficiente, os *fatores sociais*. Ou seja, tal postura epistemológica extrai a força do conhecimento que emerge como fato, da materialidade da rede que o sustenta, uma rede híbrida, de agentes humanos e não humanos. A metodologia que flerta com essa concepção deve dar conta da variedade de elementos que compõe essa trama, atentando-se principalmente para a necessidade de simetria nas considerações dos elementos envolvidos.

Em acordo com esse postulado, o texto de Fabrício Teló localiza Pareto no interior de uma concepção epistemológica assimétrica, que vê o conhecimento verdadeiro como fruto de uma purificação em que os *fatores sociais* são eliminados com a ajuda de procedimentos metodológicos eficazes. Pareto, como um homem do século XIX, defende a racionalidade científica contra aquilo que Francis Bacon chamou de “ídolos da tribo”, contaminações sociais que se interpõem no caminho da verdade. Por isso, Pareto torna-se um utópico, nas palavras de Teló, um entusiasta do estatuto científico moderno. Tal estatuto, segundo Latour (1994), visou a separar sociedade e natureza, associando as entidades localizadas na primeira instância a fontes de distorções.

Enfim, não é fácil ler Pareto hoje e dele extrair fundamentos metodológicos sem estranhar-se. Se antes sua obra era vertiginosa pelo tamanho do empreendimento, hoje o é pela diferença com concepções “mais atraentes” que a epistemologia e metodologia contemporâneas nos legam. Vale, finalmente, inquirir se, também, parte do estranhamento sentido pelos jovens autores acima não decorre de certo consenso em torno do pluralismo metodológico nas ciências sociais, estranho a Pareto, melhor dizendo: estranho a seu tempo.

Referências

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BACON, Francis. *Novum organum*: ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

48 A este respeito ver, em especial, Winch (1970).

49 Ver Latour (2000).

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Pareto e a crítica das ideologias. In: _____. *Ensaios escolhidos: história do pensamento político*. São Paulo: C. H. Cardim Ed., s./d. p. 127-155.

BLOOR, David. *Conhecimento e imaginário social*. São Paulo: Unesp, 2009.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

_____; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

COHN, Gabriel (org.). *Max Weber*. São Paulo: Ática, 1986.

COLLINS, Harry. Introduction: stages in the empirical programme of relativism. *Social Studies of Science*, v. 11, n. 1, p. 3-10, fev. 1981.

CORTÁZAR, Julio. *62, Modelo para armar*. Buenos Aires: Alfaguara, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Capitalismo e esquizofrenia*, v. 1: o anti-Édipo. Rio de Janeiro: Editora 34, 1972.

_____; _____. *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____; _____. *Capitalismo e esquizofrenia*, v.2: mil platôs. Rio de Janeiro: Editora 34, 1980.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

FINER, S. E. Introduction. In: _____. (org.). *Vilfredo Pareto: sociological writings*. New York: Frederick A. Praeger Publishers, 1967. p. 3-91.

FONOLLOSA, José M. *Ciudad del Hombre*: Barcelona. Barcelona: DVD Ediciones, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

FRANCO, Gustavo. Literatura e economia. *Veja*, 3 nov. 1999, p. 141.

_____. O nacional-empendedorismo. *Veja*, 4 ago. 2004, p. 157.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2001.

KAFKA, Franz. *Um artista da fome e A construção*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LAFER, Celso. Bobbio: razão, paz e democracia. In: _____. *Ensaio liberais*. São Paulo: Siciliano, 1991.

LATOURETTE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34, 1994.

_____. *A ciência em ação*. São Paulo: Unesp, 2000.

LEIVAS, Claudio. Paixão, democracia e deliberação em Hobbes e Walzer. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 32, n. 2, 2009.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

PASSERON, Jean-Claude. *O raciocínio sociológico*. O espaço não-popperiano do raciocínio natural. Petrópolis: Vozes, 1995.

PEREZ, Reginaldo Teixeira. O mercado como limite da racionalidade. In: Encontro Anual da ANPOCS, XXVI, 2002, Caxambu/MG, 2002. *Anais...* São Paulo: Anpocs, 2002.

POPPER, Karl R. *Lógica das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34, 2001.

REIS, Elisa. Reflexões sobre o *Homo Sociológico*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 4, n. 11, 1989, p. 23-32.

RODRIGUES, José Albertino. A sociologia de Durkheim (Introdução). In: DURKHEIM: Sociologia. São Paulo: Ática, 1984.

_____. *Pareto*. São Paulo: Ática, 1984. p. 40-42. (Grandes Cientistas Sociais, 43).

SOUTO, Julio. *Pareto, um personagem de Kafka*. [mimeografado] 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. São Paulo: Graal, 1989.

_____. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Discurso sobre o objeto: umapoética do social*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SARTORI, Giovanni. *A política: lógica e método nas ciências sociais*. Brasília: Ed. UnB, 1981.

VIRGINIO, Alexandre S. Conhecimento e sociedade: diálogos impertinentes. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, v. 8, n. 15, jan./jun. 2006, p. 88-135.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. Brasília: Ed. UnB; São Paulo, Cultrix, 1983.

_____. *Sobre a teoria das ciências sociais*. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. A "objetividade" do conhecimento na ciência social e na ciência política. In: _____. *Metodologia das ciências sociais*. Parte 1. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 2001.

WINCH, Peter. *A ideia de uma ciência social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.